A Função do Reconhecimento

na Clínica Psicanalítica

STEPHANIE BRUM

INM Editora

Miolo.indb 3 30/10/2024 08:48:02

Copyright © 2024 by Stephanie Brum

Todos os direitos desta edição são reservados à INM Editora. Nenhuma parte desta obra poderá ser reproduzida ou transmitida, seja por meio impresso ou digital, sem a permissão prévia da INM Editora, de acordo com a Lei Nº. 9.610/98. Foi realizado o Depósito Legal na Fundação Biblioteca Nacional, de acordo com a Lei Nº. 10.994, de 14 de Dezembro de 2004 e a Lei Nº. 12.192, de 14 de Janeiro de 2010.

Editores: Sergio Gomes e Bruno Ricardo Gomes
Diretor Comercial: Bruno Ricardo Gomes
Revisão Ortográfica: José Ubiratan Ferraz Bueno
Revisão Técnica: Sergio Gomes
Secretaria: Nawana Taranto
Capa e Diagramação: Caren Dantas
Marketing: Lyvia Gomes
Imagem da Capa: Cristiano Nogueira

Segundo o Novo Acordo Ortográfico, 5ª. Edição do Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa, Academia Brasileira de Letras, de março de 2009.

INM Editora
Rua Frei Caneca, 1380 – Primeiro Andar
Consolação – São Paulo-SP
CEP: 01307-002
Tel.: (11) 5026-7748
contato@inmeditora.com.br
inmeditora.com.br

Instagram: @inmeditora
Facebook.com/inmeditora
Youtube.com.br/NebulosaMarginal

O mito do eterno retorno afirma, por negação, que a vida que desaparece de uma vez por todas, que não volta mais, é semelhante a uma sombra, não tem peso, está morta por antecipação, e por mais atroz, mais bela, mais esplêndida que seja, essa atrocidade, essa beleza, esse esplendor não têm o menor sentido. (...) Digamos, portanto, que a ideia de eterno retorno designa uma perspectiva em que as coisas não parecem ser como nós as conhecemos: elas aparecem para nós sem a circunstância atenuante de sua fugacidade. (...) Se cada segundo de nossa vida deve se repetir um número infinito de vezes, estamos pregados na eternidade como Cristo na cruz. Essa ideia é atroz. No mundo do eterno retorno, cada gesto carrega o peso de uma responsabilidade insustentável. É isso que levava Nietzsche a dizer que a ideia do eterno retorno é o mais pesado dos fardos.

Milan Kundera, A insustentável leveza do ser

SUMÁRIO

Prefácio **9**

Introdução **17**

Parte I – Perspectivas teóricas sobre o reconhecimento **35**

I. Reconhecimento e potencial espontâneo 37
II. O reconhecimento para além da função escópica 55
III. Da dinâmica das semelhanças ao terreno das diferenças: o lugar do reconhecimento ao longo da jornada de constituição subjetiva 91
IV. A flor que desabrocha na adversidade: considerações sobre trauma e reconhecimento 125
V. As facetas traumáticas do não reconhecimento 145
VI. Da certeza de si à defesa de si..... 175
VII. Reconhecimento e testemunha: o lugar do analista na dinâmica do reconhecimento..... 193

Parte II – O reconhecimento a partir de um panorama clínico **199**

VIII. A importância do reconhecimento na clínica dos casos-limite..... 201
IX. Sintoma, espontaneidade e reconhecimento: uma forma de comunicação constitutiva 239
X. O papel do analista e a função de reconhecimento 263
XI. Reconhecimento, regressão e gratidão 299
XII. O manejo analítico a partir do reconhecimento 315

Referências 333

Prefácio

Aqueles que exercem ou se interessam pela psicanálise têm em mãos um trabalho amplo e, ao mesmo tempo, minucioso sobre um tema cada vez mais atual na clínica: a questão do reconhecimento. Numa versão revista de sua tese de doutorado defendida no Programa da Pós-Graduação em Psicologia Clínica da PUC-Rio, Stephanie Brum apresenta os principais conceitos e autores vinculados à questão na teoria psicanalítica. Ao mesmo tempo, faz o leitor compreender sensivelmente os conceitos através de exemplos concretos, extraídos de sua própria experiência como analista. A novidade do livro não reside no tema, mas na profundidade que a autora é capaz de dar a ele ao discutir os impasses mais recentes da clínica. O reconhecimento aparece como via fundamental a ser trilhada quando o psicanalista é capaz de abandonar sua "hipocrisia profissional" para arriscar-se no encontro genuíno com seus pacientes.

A questão do reconhecimento tem uma história. Embora a psicanálise possa trazer a ela contribuições novas e bastante importantes, não é na clínica que ela começa, nem é a esse campo que ela se restringe. Em termos mais gerais, considera-se que todo indivíduo possui uma necessidade vital de ser visto, ouvido, respeitado e legitimado pelas pessoas que o cercam, a ponto de o reconhecimento ter hoje se tornado um direito básico do ser humano, referente tanto aos indivíduos quanto aos grupos. É ele que se encontra na raiz das reivindicações políticas contemporâneas, como as das minorias étnicas e de gênero, dos conflitos culturais, e mesmo das guerras territoriais.

Como todo conceito, o reconhecimento tem uma data de nascimento. Surge na modernidade, quando a lógica dos privilégios foi substituída pela noção de dignidade do indivíduo. É nesse momento que o reconhecimento se torna um problema filosófico. Jean-Jacques Rousseau dizia que a busca de "consideração" era um motor possante da vida individual e um cimento da vida em grupo. Adam Smith afirmou que o reconhecimento era "o desejo mais ardente da alma humana". E não há como esquecer a *Fenomenologia do Espírito* de Hegel, onde a dialética do senhor e do escravo foi descrita como uma luta de vida e morte na busca por reconhecimento.

Na esteira de Hegel, o tema ocupou as reflexões de alguns filósofos e cientistas sociais importantes: Paul Ricoueur, Tzvetan Todorov, Charles Taylor, Axel Honneth e Judith Butler, entre outros. São pensadores que se interessaram, basicamente, pela esfera dos direitos e pela discussão dos laços sociais. Somente quando a psicanálise entra no cenário do pensamento, percebe-se o quanto o reconhecimento é fundamental para a constituição subjetiva individual, desde seu início. Ele deixa então de ser apenas uma questão filosófica ou um problema de direitos e se torna um tema fundamental para pensar a subjetividade e as formas de transformá-la. Com a psicanálise, o reconhecimento ganha, pela primeira vez, um valor clínico e operatório.

É a essa dimensão clínica que o trabalho de Stephanie Brum se consagra, mesmo quando traz contribuições de outros campos, como as do filósofo Axel Honneth ou do historiador Georges Vigarello. Todas as questões desenvolvidas neste livro orbitam em torno dos impasses e das aberturas possíveis no encontro clínico contemporâneo.

Na psicanálise, a noção de reconhecimento tem uma história mais recente. Foi a partir da década de 1950 que ela passou a integrar

os modos de pensar a constituição subjetiva e as formas de minorar ou transformar o sofrimento dos sujeitos. Nos anos 1950, Lacan se serviu de Hegel para pensar a relação entre desejo e reconhecimento (a famosa fórmula sobre o desejo do desejo do Outro). Nos anos 1960, Winnicott respondeu a Lacan complexificando a fórmula, mostrando como o processo de reconhecimento estava presente numa relação dual e bem mais primitiva, entre o bebê e sua mãe. Com Winnicott, o reconhecimento não implicava, ou não implicava apenas, uma luta entre dois indivíduos separados; ele se tornava um jogo mútuo, compartilhado. O bebê precisa ser reconhecido em seu devir pela mãe, mas esta também precisa ser reconhecida, ainda que de forma diferenciada, por seu bebê, e ambos vivenciam esse processo através de brincadeiras, gestos, sons e, principalmente, experiências emocionais compartidas. É o que Winnicott vai chamar de mutualidade.

A relação entre reconhecimento e mutualidade é o pilar que atravessa este livro por inteiro. Além de destacar a centralidade do reconhecimento na constituição subjetiva e no processo psicanalítico, a autora mostra como ele se realiza em um movimento duplo: recebe-se reconhecimento de alguém que também pode ser reconhecido. Baseando-se em Jessica Benjamin, Stephanie vai afirmar que se trata de uma "dinâmica de dupla hélice". Esse reconhecimento mútuo — o que não quer dizer que se trate de um reconhecimento simétrico — será fundamental para a tese defendida pela autora: a de que as interações e relações que construímos ao longo da vida promovem um movimento de *cocriação* de nós mesmos. Considerando que o encontro analítico pode ser transformador e *cocriador* desse movimento, a autora irá propor uma forma de trabalho clínico pautada em um movimento constante de reconhecimento, abrindo ao paciente a fruição de um sentimento de si

e a capacidade de afirmá-lo.

Diversas questões vão gravitar em torno dessa proposta. Através delas, Stephanie mostrará que o movimento de reconhecimento extrapola tanto o plano verbal quanto a capacidade de ver e ser visto, envolvendo outros sentidos, ritmos e compartilhamentos de experiência. A montagem da tese começa com Daniel Stern, articulando intersubjetividade e reconhecimento. Ferenczi trará a possibilidade de "sentir com" que, na dinâmica de dupla hélice valorizada por Stephanie, implica uma atividade tanto do analista quanto do paciente. A própria noção de trauma será articulada à questão do reconhecimento: são as dificuldades nessa dinâmica que estarão na raiz do traumático, segundo Ferenczi e Winnicott. Mas é com o analista húngaro que essa relação ficará mais clara: a noção de desmentido, que condensa a traumatogênese ferencziana, pode ser entendida como um reconhecimento que deixou de ocorrer quando era preciso, ou seja, como um reconhecimento recusado.

Outros analistas serão também convocados na montagem da tese principal: Masud Khan, com o conceito de trauma cumulativo; Christopher Bollas, com a noção de vivido não pensado e a possibilidade de criação de um idioma pessoal; Albert Ciccone, com suas formulações sobre a ritmicidade. Mas o diálogo mais fecundo será promovido entre Jessica Benjamin, Winnicott e Ferenczi. Por meio das trocas estabelecidas entre esses três autores, serão trazidas questões valiosas para a clínica contemporânea, como a importância do reconhecimento na clínica dos casos-limite, o lugar do analista no jogo de dupla hélice e o manejo analítico a partir do reconhecimento. Questões teóricas encarnadas na prática psicanalítica através dos diversos exemplos clínicos trazidos pela autora.

Ainda que a clínica seja o lugar de confluência dos temas tratados, cabe enfatizar as contribuições importantes que Stephanie Brum traz não apenas para a psicanálise, mas também para a teoria do reconhecimento. Sob este aspecto, vejo em seu trabalho um valor político que não deve ser desconsiderado.

Três pontos merecem ser sublinhados: em primeiro lugar, o debate sobre a horizontalidade ou verticalidade da relação analítica – bem como das relações em geral – ganha matizes importantes quando se considera a possibilidade de uma mutualidade sem simetria. Esses termos costumam ser confundidos no meio *psi*, e Stephanie demonstra sua diferença com muita propriedade. Assim como mostra o seu paradoxo: a necessidade de ser reconhecido e a necessidade de autoafirmação não são excludentes, estando o reconhecimento presente tanto na constituição das semelhanças quanto das diferenças nas dinâmicas intersubjetivas.

Um segundo aspecto clínico-político do trabalho reside na defesa da fragmentação como modo subjetivo legítimo e passível de ser reconhecido como tal pelo analista, ao invés de ser tomado como índice da psicopatologia do paciente. Acreditar que a fragmentação subjetiva deve ser "colada" no processo analítico atribui ao encontro clínico uma função normativa mais cúmplice da dominação do que da liberdade subjetiva. Reconhecer implica também o respeito e a disponibilidade de sentir em si as estratégias subjetivas encontradas pelo paciente no decorrer de sua vida. Aqui, a noção de reconhecimento é mais uma vez entendida como experiência de mutualidade, surgindo como caminho frutífero diante dos problemas trazidos pela clínica contemporânea.

Terceiro ponto a ser destacado: a articulação entre o

reconhecimento e a mutualidade permite repensar tanto a noção de teceiridade na prática analítica, quanto a figura do pai na subjetividade e na cultura. A psicanálise clássica encarou o vínculo entre a mãe e seu bebê como uma relação fusional, o que tornava obrigatória a entrada de um terceiro discriminador, o pai, capaz de promover essa separação. Somente o pai, como figura terceira, seria capaz de desfazer a fusão e a simbiose, permitindo a construção subjetiva de um ser separado. Ora, essa concepção reproduz um imaginário que sobrevive há séculos em nossa cultura, abraçado pela psicanálise sem muitos questionamentos: a mulher como figura englobadora, invasiva, psicotizante; o homem como esfera da razão, da discriminação, da ordem e da lei. Ao valorizar a relação entre reconhecimento e mutualidade, Stephanie Brum descarta a ideia de fusão, em prol de uma mistura — algo bem diferente de uma indiferenciação — na qual várias diferenças pulsam e vão se estabelecendo. A fusão entre preto e branco tende a produzir um cinza, enquanto na mistura podemos ter a expressão de inúmeros matizes entre o preto e o branco, sempre em movimento.

Realçar os matizes, mais do que as identidades, é a consequência da proposta ético-política da autora: o movimento de afirmação de si não se faz no sentido de uma separação, mas no sentido do reconhecimento de uma singularidade distinta do ambiente de cuidado. O terceiro aqui não é a lei que rompe com o indiferenciado; a terceiridade é pensada como espaço potencial, permitindo a circulação de diferentes modulações de relação e nuances afetivas. É possível, desse modo, criticar a ideia do fusional e a periculosidade do materno. A noção de reconhecimento pode ser mais uma vez sublinhada em seu valor clínico-político.

O trabalho de Stephanie Brum ajuda a refletir sobre os impasses atuais da clínica e da cultura, impasses que convocam a revisão de nossos

conceitos teóricos e de nosso modo de exercer o ofício de psicanalista. Invocar um devir, instigar uma mudança, alentar um futuro – é o que um bom livro pode nos trazer.

Jô Gondar
Psicanalista

A Função do Reconhecimento

na Clínica Psicanalítica

Miolo.indb 1 30/10/2024 08:48:01